

«PRIMEIROS PASSOS» – UMA PÁGINA DE APOIO AOS PROFESSORES EM INÍCIO DE CARREIRA ([HTTP://AZINHEIRA.ESE.IPS.PT/PRIMEIROS_PASSOS](http://azinheira.e.se.ips.pt/primeiros_passos))

Carla Cibebe Figueiredo

E.S.E. de Setúbal

Margarida Belchior

Esc. EB1/JI de Famões

Resumo

Como é que a Internet e as suas funcionalidades colaborativas se podem constituir como instrumentos que sustentam e apoiam a inserção profissional de professores principiantes na perspectiva do desenvolvimento profissional e da formação ao longo da vida? – é esta a questão de partida para a comunicação que aqui se apresenta. Trata-se de um projecto de apoio à inserção profissional em que os meios electrónicos de a comunicação a distância têm desempenhado um papel de relevo, apesar de toda a orientação de crescimento e consolidação do projecto ser fundamentado nas perspectivas do desenvolvimento profissional ao longo da vida e da aprendizagem como participação social. Nesta comunicação enquadra-se institucionalmente este projecto, apresentam-se brevemente as perspectivas conceptuais referidas, seguidas de uma reflexão e análise de dados do primeiro ano de funcionamento do Projecto.

1. Introdução

Como é que a Internet e as suas funcionalidades colaborativas se podem constituir como instrumentos que sustentam e apoiam a inserção profissional de professores principiantes na perspectiva do desenvolvimento profissional e da formação ao longo da vida? – esta é a nossa questão de partida para a comunicação que agora vos apresentamos e que tem como finalidade partilhar convosco as reflexões que temos vindo a realizar num projecto de apoio à inserção profissional em que os meios electrónicos de a comunicação a distância têm desempenhado um papel de relevo.

O Apoio à Inserção Profissional tem sido uma preocupação presente desde há alguns anos na ESE de Setúbal. Terminar a formação inicial e entrar no mundo profissional é um desafio que coloca muitas interrogações e levanta inúmeros problemas não apenas aos protagonistas directos, os jovens professores, mas também a todos os que nas instituições de formação inicial se preocupam com a adequação do seu trabalho aos jovens profissionais que formam e à realidade das escolas em que estes se vão inserir. A investigação sobre o desenvolvimento profissional de professores tem mostrado que os primeiros anos de docência e forma como os obstáculos encontrados são ultrapassados, são determinantes na construção de um percurso e de um projecto profissional consistente.

Foram várias as iniciativas que na ESE de Setúbal procuraram dar expressão a esta preocupação: um Projecto de Investigação, apoiado pelo então Instituto de Inovação Educacional (1999/2000); no âmbito da Formação Contínua, uma Oficina de Formação «Gerir o Choque com a realidade/Apoio à Inserção Profissional» e um círculo de Estudos «Formação Reflexiva de Supervisores/Apoio à Inserção Profissional» destinado a professores mais experientes (2000/2003); a página de apoio aos Professores em Início de Carreira do Curso de Professores de Ensino Básico – Matemática e Ciências (desde 1995); um Encontro de ex-alunos de todos os cursos da escola promovido no âmbito das comemorações dos 18 anos da ESE (em 2003).

Os resultados deste Encontro superaram todas as expectativas iniciais, quer pelo número de participantes, quer pela qualidade das suas intervenções. No questionário de avaliação que então foi realizado foi evidente a satisfação obtida com a oportunidade proporcionada de partilha das experiências de trabalho dos jovens professores. As conclusões desse Encontro indicavam claramente a necessidade de manter uma relação entre a formação inicial e a formação contínua, revelando e fazendo emergir outros, diferentes e complementares papéis para as instituições de formação inicial.

“Mais uma vez queremos realçar que os laços que se criam depois do curso acabado serão necessariamente diferentes, eles criam-se entre profissionais, e portanto as condições para aprender estão livres de uma série de condicionantes dos sistemas formais de ensino. Quem ganha? Todos os que encontrarem nesta relação uma oportunidade para não estagnar, para afirmar “vamos crescer juntos!”» In “Balanço do Encontro (Re) encontrar a Escola”, Junho 2003.

Neste contexto teve também uma importância relevante a experiência da página «Inovação em início de carreira» dos ex-alunos do curso de Matemática e Ciências da ESE-Setúbal («a irmã mais velha»). Esta evidenciava que usando a comunicação a distância através da Internet era possível manter a interacção entre os ex-alunos, permitindo-lhes criar e disponibilizar recursos interessantes para mobilizar na sua actividade profissional e obter apoio para iniciativas, pequenos projectos e actividades, ajudando também a manter um vínculo com a E.S.E., a escola de formação inicial.

Esta história e este conjunto de iniciativas que acabámos de referir actuaram como energia impulsionadora da criação de uma dinâmica de interacção, partilha de experiências e desenvolvimento de acções de formação contínua que os ex-alunos que terminaram a sua licenciatura em Professores do Ensino Básico -1º Ciclo vieram a criar e desenvolver durante o ano lectivo de 2003-2004, com o apoio da instituição e, em particular, de alguns docentes mais ligados ao curso.

Este projecto teve como base a criação de uma página na Internet – PRIMEIROS PASSOS (obviamente na profissão docente; <http://azinheira.es.eip.pt>), uma forma de contrariar a dispersão geográfica que a conclusão da formação inicial inevitavelmente comporta consigo. Potenciar a Internet e as suas ferramentas de comunicação a distância pareciam à partida óptimos meios de contacto, divulgação e organização do apoio à inserção profissional, complementados com sessões e encontros presenciais, favorecendo a construção de uma comunidade de aprendizagem de professores “princípios”.

Em Julho de 2003 era assim criada a Página PRIMEIROS PASSOS por uma pequena equipa constituída por uma parceria entre docentes da E.S.E. e professores em início de carreira, sem praticamente nenhuns recursos financeiros nem apoios, a não ser o suporte da instituição para alojar a página num servidor da mesma. O uso regular pelos ex-alunos desta página, nomeadamente o modo como se apropriaram dela para apoio, ajuda e resolução de pequenos problemas foi essencial para desenvolver tudo o resto, quer via presencial, quer a distância. A partir dela organizaram-se sessões presenciais de partilha das primeiras experiências (a entrada na escola) e de análise e resolução de problemas emergentes deste seu primeiro contacto com a profissão, como, por exemplo, o papel e função de um professor de apoio educativo. Dinamizaram-se também, a título experimental 'IRC' temáticos sobre assuntos educativos: o Projecto Curricular de Turma, a avaliação dos alunos, a Lei de Bases da Educação (então em discussão pública).

Em Maio de 2004, um encontro presencial de dois dias promovido por uma comissão organizadora integrada tanto por professores principiantes, como por professores mais experientes e docentes da ESE, proporcionou momentos importantes de análise e reflexão em torno das primeiras experiências de trabalho dos professores em início de carreira. Este Encontro permitiu, entre outras coisas, avaliar o trabalho desenvolvido entre Julho e Maio, quer on-line, quer presencialmente.

2. Desenvolvimento profissional e comunidades de aprendizagem

O conceito de desenvolvimento profissional é frequentemente utilizado como sinónimo de formação contínua, no entanto, actualmente o desenvolvimento profissional é encarado como um processo que se inicia na formação inicial e que se prolonga pelo percurso profissional dos professores, numa perspectiva de formação ao longo da vida.

Neste caso concreto estamos a debruçarmo-nos sobre o desenvolvimento profissional de professores do 1º C.E.B..

Os primeiros estudos que fizeram referência ao desenvolvimento profissional foram realizados por D. Riverin-Simard (1984, citada por Pineau, 1988), no Quebec (Canadá) e diziam respeito ao desenvolvimento na carreira de adultos de várias idades e de vários estatutos sócio-profissionais.

Posteriormente foi Huberman (1987; 1992) que se dedicou ao estudo do desenvolvimento profissional dos professores. Em Portugal são considerados como referência neste âmbito os estudos levados a cabo por António Nóvoa (1991), que tiveram continuidade em investigações realizadas por Fontoura (1992), Moita (1992) e Gonçalves (1992), entre outros.

Segundo estes estudos todos os adultos, ao longo da sua carreira profissional vão atravessando diferentes fases, pelo que os professores não são uma excepção. As investigações efectuadas a partir de docentes revelam que os mais realizados na sua profissão, são aqueles que se colocam numa perspectiva de formação permanente, de formação ao longo da vida, interrogando-se sobre as fragilidades das situações pior sucedidas, procurando aprender com esses processos. Estes professores são considerados «exploradores de excepção» (Tavares,

1991). Colocando-se numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida, estes docentes procuram com os seus pares, quer nos contextos profissionais, as escolas, quer em contextos associativos ou de relações que estabelecem e mantêm com instituições de ensino superior (como é este o caso), construir um conhecimento e uma reflexão adequada aos problemas e às situações com que se vão confrontando quotidianamente.

Falar de desenvolvimento profissional de professores de um ponto de vista institucional, a partir das escolas de ensino superior responsáveis pela Formação Inicial ou dos Centros de Formação das Associações de Escolas, entidades que no nosso sistema são responsáveis pela formação contínua de professores, é uma abordagem, completamente diversa, daquela que pode ser feita a partir da «voz» dos próprios professores, das suas associações profissionais e pedagógicas, ou de outras iniciativas – como acontece neste caso – que se vão gerando e consolidando no domínio educativo.

Perspectivar o desenvolvimento profissional a partir de um ponto de vista ou do outro é necessariamente diferente. É nesta perspectiva que Benavente (1990) distingue duas lógicas de formação com as quais poderíamos estabelecer o paralelo a partir do que acima dissemos. Segundo Benavente (1990) a lógica central, a dos serviços governamentais, a daqueles que lideram os processos de formação, privilegia a certificação, valoriza a visibilidade imediata e pressupõe que as práticas futuras, decorrem directamente da formação inicial e do nível de conhecimentos adquiridos. Para esta mesma investigadora, a lógica local, que se opõe à anterior, privilegia a construção de novos saberes a partir da reflexão sobre as práticas, valorizando a resolução de problemas, a resposta a necessidades que transcendem as lógicas disciplinares, curriculares e certificativas, valorizando também os aspectos relacionais e afectivos da profissão.

Se de um ponto de vista institucional há uma muito maior vinculação à lógica central, já do ponto de vista dos professores, actores fundamentais do sistema educativo, a lógica da sua voz situa-se numa lógica local, a partir dos problemas com que se vão confrontando nas escolas.

Em nosso entender estas duas lógicas não funcionam independentemente uma da outra, mas antes interagem, influenciando-se reciprocamente. Acompanhar e compreender os problemas com que se confrontam professores principiantes pode tornar-se numa imensa mais valia para a Formação Inicial com implicações nos respectivos princípios organizativos e currículos.

No entanto é necessário dar continuidade a esta perspectiva de formação, da reflexão com outros sobre as suas práticas. Esta continuidade, que ganha o seu verdadeiro significado quando os ex-alunos das Escolas de formação ingressam na vida profissional, assumindo todas as responsabilidades dos verdadeiros profissionais, docentes ou outros, no terreno.

Situarmos este projecto numa «lógica local» da formação vai ao encontro da perspectiva de formação, ou melhor, de desenvolvimento profissional explicitada por Nóvoa (1988), a perspectiva do «formar-se», isto é, aquela em que os vários actores em presença, formandos e formadores, se implicam na compreensão das situações e dos fenómenos que cada um, nos contextos e grupos em que está envolvido e considera ser formador.

Nóvoa (1991; 1992) concebe o desenvolvimento profissional de professores em três vertentes: (i) o desenvolvimento pessoal, considerando o professor na sua individualidade, (ii) o

desenvolvimento profissional, considerando o colectivo docente, o grupo profissional e (iii) o desenvolvimento organizacional, considerando as escolas, as organizações em que os professores exercem por excelência a sua actividade profissional. Esta forma de entender o desenvolvimento profissional dos professores, chama a nossa atenção para a complexidade das situações que estes profissionais enfrentam no seu quotidiano e para a não-linearidade do modo como os fenómenos e os factores em presença se influenciam e interagem.

Se a esta abordagem acrescentarmos a situação de ingresso na vida activa, torna-se então clara a necessidade de acompanhar os professores principiantes em início de carreira, de modo a que o reconhecido «Choque com a realidade» (Alves, 2001) não provoque situações de ruptura e de desencanto, antes seja devidamente apoiado e acompanhado.

As actuais ferramentas de formação e comunicação a distância poderão quando devidamente utilizadas dar contributos significativos nestes processos, promovendo a construção de redes sociais de reflexão e inter-ajuda, em que se cruzam as ansiedades dos professores principiantes com a experiência e os saberes de professores mais experientes.

Definindo o conceito de desenvolvimento profissional à luz da concepção de formação permanente ao longo da vida, Alonso (1998) considera que este deve ser perspectivado de modo de **evolutivo e contínuo**, ultrapassando a tradicional justaposição entre formação inicial e formação contínua; sublinha o carácter **contextual, organizacional e orientado para a mudança** no qual a formação formal e informal se complementam e enriquecem mutuamente, ultrapassando também as conhecidas dicotomias entre as dimensões **pessoais e profissionais**; acentua o seu carácter **sistemático, processual e permanente** por contraponto ao carácter pontual de acções de formação numa perspectiva de reciclagem; sublinhando o carácter **activo, reflexivo e auto-dirigido** da formação que se contrapõe à passividade, à irreflexão e, finalmente, acentua o seu carácter **global e integrador** que afecta a pessoa como um todo, nas suas várias dimensões: cognitivas, afectivas, sociais e instrumentais.

A sociedade da informação e do conhecimento associada ao desenvolvimento científico e tecnológico, a valorização das expressões artísticas, da Educação Físico-Motora, assim como a tendência para a iniciação precoce a uma língua estrangeira, transformam a monodocência do 1ºCEB numa polivalência demasiado exigente, cujos desafios só é possível serem enfrentados num verdadeiro trabalho de equipa em colaboração entre docentes, potenciando as especificidades de cada um. Isto para não falar de como o aprender a ler hoje significa também aprender a ler imagens tanto da televisão, como da publicidade; o aprender a escrever implica também aprender a utilizar o processador de texto e a utilizar a Internet; a aprendizagem do cálculo não se pode mais fazer ignorando a utilização calculadoras electrónicas, assim como a pertinência de aprendizagens matemáticas mais complexas que se situam no domínio da resolução de problemas e da comunicação matemática (Formosinho, 1998).

Tal como Alonso (1998) perspectiva o desenvolvimento profissional ao longo da vida, assim também as aprendizagens iniciais realizadas na Escola Básica devem ser perspectivadas de uma forma complexa, contextualizadas histórica e culturalmente, de forma contínua, sistemática, activa e reflexiva, ultrapassando dicotomias entre o individual e o social, assumindo o respectivo carácter

global e integrador com implicações nos vários domínios da vida cognitiva, afectiva, social e instrumental dos alunos.

Mais recentemente, Nóvoa (2002) reflectindo sobre o debate que actualmente se realiza sobre as Escolas e a Educação pública nas sociedades ocidentais, sintetiza, de forma pertinente, os dilemas com que os professores actualmente se confrontam inferindo a partir deles distintos tipos de competências a desenvolver pelos professores.

O primeiro dilema enunciado é o «**dilema da comunidade**» em que afirma a necessidade de «redefinir o sentido social do trabalho docente no novo espaço público da educação ou da importância de **saber relacionar** e de **saber relacionar-se**» (p. 23). Este dilema está directamente relacionado com uma concepção da escola como um espaço aberto, em que se valoriza o papel dos professores como animadores de redes de aprendizagem, como mediadores culturais e organizadores de situações educativas.

O segundo dilema caracterizado por este investigador é o «**dilema da autonomia**». A autonomia como a necessidade de «repensar o trabalho docente numa lógica de projecto e de colegialidade ou da importância de **saber organizar** e de **saber organizar-se**» (p. 25). Este dilema surge associado a dois conceitos, o de projecto de escola e o de colegialidade docente, aos quais, segundo este investigador, tem sido associada uma grande diversidade de intenções e movimentos de renovação educativa.

O último e terceiro dilema é o «**dilema do conhecimento**». Refere-se à necessidade de «reconstruir o conhecimento profissional a partir de uma reflexão prática e deliberativa ou da importância de **saber analisar** e de **saber analisar-se**» (p. 27). Para Nóvoa (2002), definir o conhecimento profissional é uma tarefa cuja formalização e conceptualização se tem revestido de alguma dificuldade. Este conhecimento tem uma dimensão teórica, mas não é apenas teórico, tem uma dimensão prática, mas não é apenas prático, tem uma dimensão experiencial, mas não é apenas fruto dessa experiência. «Estamos perante um conjunto de saberes, de competências e de atitudes **mais** (e este **mais** é essencial) a sua mobilização numa determinada acção educativa» (p. 26)

Em nosso entender, estas perspectivas sobre o desenvolvimento profissional ao longo da vida vão ao encontro de uma teoria social da aprendizagem – ou não estivesse o desenvolvimento profissional intimamente relacionado com a formação e consequentemente com a aprendizagem – que reconhece que aprender acontece na prática social, nas inter-relações e interacções que o indivíduo estabelece com o mundo em que vive, ao envolver-se nas actividades inerentes à respectiva prática profissional e social. Esta perspectiva tem da aprendizagem uma compreensão profunda, em que a pessoa é entendida como um todo e que se contrapõe à perspectiva da aprendizagem como a aquisição, recepção de um corpo de conhecimentos factuais sobre o mundo. É uma perspectiva que considera que aprender passa pela actividade no e com o mundo envolvente e que encara o agente, a actividade e o mundo, como elementos da realidade que se constituem mutuamente (Lave e Wenger, 1991).

Entender desta forma a aprendizagem, implica reconhecer que todos os envolvidos nos processos de formação se influenciam reciprocamente, através da interacção que se vai

desencadeando no decorrer dos processos de formação, pelo que todos vão realizando aprendizagens: as Escolas responsáveis pela formação inicial, os docentes da formação inicial, as Escolas do 1º CEB, os professores principiantes e os professores mais experientes.

Segundo esta teoria social da aprendizagem, que define a participação social como um processo de aprendizagem e de conhecimento, a aprendizagem é um processo no qual se distinguem as seguintes componentes (Wenger, 1998):

- a) **«o significado»** – *um modo de falar sobre as capacidades (competências), individuais ou colectivas, que se vão alterando através das nossas experiências de vida e da forma significativa como nos relacionamos com o mundo;*
- b) **«a prática»** – *a forma como se partilham os recursos históricos e sociais, os referentes estruturantes e as perspectivas que podem sustentar o engajamento mútuo na acção;*
- c) **«a comunidade»** – *uma forma de descrever as configurações sociais nas quais as iniciativas [os projectos ou as tarefas] são consideradas como adequadas, como uma mais valia, e em que também a participação é reconhecida como competente;*
- d) **«a identidade»** – *uma forma de descrever o modo como a aprendizagem modifica o que somos e cria histórias pessoais de transformação no contexto das comunidades»* (p. 5).

Para estes autores a aprendizagem ocorre no contexto da nossa experiência quotidiana de participação no mundo; faz parte integrante da natureza humana tal como o comer ou o dormir, tornando-se quer indispensável, quer inevitável para a vida, transformando-se em parte integrante da própria vida.

Assim, é também necessário ter em linha de conta os grupos sociais em que nos envolvemos, as relações que neles estabelecemos, as actividades que levamos a cabo no seio desses grupos, o tipo de recursos que são utilizados, as histórias que se vão partilhando e construindo. Lave e Wenger (1991; 1998) designam estes grupos sociais em que vivemos e nos envolvemos como comunidades de prática.

Deste ponto de vista aprender é equivalente a tornar-se capaz de se envolver em novas actividades, de desempenhar novas tarefas e funções, e de dominar a atribuição de novos significados, novas compreensões. Actividades, tarefas, funções e compreensões não existem de forma isolada; elas fazem parte de um sistema mais alargado de relações no qual adquirem significado e de que fazem parte os meios tecnológicos de comunicação e de interacção a distância.

São todas estas dimensões que de forma complexa estão presentes nas interacções que se estabelecem entre professores principiantes e professores mais experientes, entre o contexto passado da instituição de formação inicial e a aprendizagem experiencial realizada no contexto profissional das escolas, o contexto de desempenho docente.

É sobretudo através da partilha e da troca de experiências – as narrativas que constituem a profissão docente e que dão voz aos professores - que vão construindo as suas práticas profissionais, que vão consolidando os seus projectos profissionais integrando-se em

comunidades de aprendizagem que contribuem decisivamente para o significado social e individual que vão atribuindo à sua participação social (Wenger, 1998).

3. A Página www – um meio para sustentar uma comunidade de aprendizagem

Tendo por base as perspectivas de desenvolvimento profissional e de formação ao longo da vida como acima procurámos enquadrar, a página foi criada como veículo de comunicação e de interacção entre todos os que nela quisessem participar, ou seja, como uma forma de manter em contacto e apoiar os professores recém formados na sua entrada na profissão. Toda a concepção da página esteve a cargo de um grupo de professores principiantes que voluntariamente colaboraram com professores da ESE para promover a manutenção de uma comunidade de aprendizagem que até então se encontrava sobretudo de modo presencial, mas que passou então a ser sustentada a distância através da página.

Delineadas conjuntamente as várias secções houve quem se encarregasse do “webdesign” (construção em html), uma professora principiante. Diz-se no texto de apresentação: *«Esta é a página dos ex-alunos do "PRI" (Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico) da ESE de Setúbal. Pretendemos que ela seja um ponto de encontro, de partilha de recursos, de questões, de sugestões e também de formação para todos os que acabaram a sua formação inicial - este ano ou há mais anos. [...]»*

Todo este projecto teve na sua concepção a oportunidade e a relevância de dar a palavra e voz aos professores principiantes valorizando experiências, materiais e recursos que considerassem interessantes para a sua actividade profissional, numa lógica de partilha, resolução de problemas, de apoio e interajuda:

«Ela [a página WWW] será o que dela fizermos e responderá às necessidades que forem surgindo, que cada um(a) for manifestando... Daí a importância da interacção e da iniciativa de todos. Para manter e gerir esta página, há um grupo de trabalho que funciona como uma pequena redacção de um jornal, em que as responsabilidades estão divididas por "editorias"/secções. Essas secções funcionam sobretudo com os contributos que lhes foram enviando. Nesta página pretendemos criar um espaço de troca de informações sobre acções de formação e encontros que sejam de interesse para todos - como se fosse um boletim, em permanente actualização para o qual todos podem contribuir. Pretendemos disponibilizar recursos vários de apoio ao trabalho docente (propostas de actividades e materiais) e um Fórum para troca de questões e experiências, ou para partilha de ideias e sugestões. Os relatos de experiências terão lugar numa secção autónoma, pois ler o que outros nos contam sobre o seu trabalho e o modo como se interrogam sobre o que aconteceu, pode ser muito inspirador para quem lê. Estarão também disponíveis sugestões de leitura e filmes interessantes - e opiniões sobre eles poderão ser trocadas on-line. Encontrará ainda uma lista de outras páginas com interesse educativo para o trabalho na sala de aula com os seus alunos. Escusado será dizer que tudo isto tem um carácter eminentemente formativo, pois é nesta troca e partilha que vamos crescendo em conjunto. Tem mais sugestões para dar?...» (Texto de apresentação da página, Julho 2003).

Constituiu-se assim uma equipa com cerca de oito elementos, responsável pela animação e dinamização deste trabalho da página que se preocupou com conteúdos que:

- promovessem o enriquecimento profissional através não apenas da formação, mas também do apoio à actividade profissional; nesta categoria incluímos secções como «projectando» com as subsecções «actividades», «projectos» e «recursos»; a secção «acontecimentos» (lugares para crescer) com as subsecções «nossos encontros», «formação» e «lazer»;
- permitissem a partilha de experiências docentes, incluídos na secção «experiências», onde podem ser encontrados relatos, reflexões, aprendizagens, ...;

- resultassem da interacção entre os vários participantes, especialmente o FÓRUM e toda a sua dinâmica interactiva (que mais abaixo descrevemos).

O suporte digital tornou-se pois um instrumento mediador fundamental na sustentação e na manutenção de uma comunidade que se encontra geograficamente dispersa entre Setúbal, Lisboa e o Algarve. A participação nos FORUNS¹ permitem-nos afirmar que ao longo destes dois anos houve cerca de 1800 intervenções – uma média de 100 participações por mês.

Se as participações nos FÓRUNS – pela sua dimensão interactiva de comunicação a distância - se revelaram como área forte desta página, em que a partilha de experiências (relatos, pedidos de ajuda, reflexão, aprendizagens, sentimentos, ...) e a interacção entre os vários intervenientes (questões, ideias, sugestões, pequenas notícias, ...) se destacam, já as áreas de enriquecimento profissional e de apoio à actividade docente podemos considerar como áreas mais fracas, pois foi mais difícil manter um ritmo periódico de actualização e de contributos significativos.

Passaremos em seguida a reflectir e a analisar de forma mais detalhada sobre duas das secções mais dinâmicas desta página socorrendo-nos de uma análise efectuada no final do primeiro ano deste Projecto. Esta análise foi realizada e apresentada no Encontro realizado em Maio de 2004, cujo público alvo eram os ex-alunos do curso de Professores do Ensino Básico – 1º C.E.B. pelo que fez então todo o sentido mostrar de que forma esta página WWW foi um elemento sustentador e mediador desta comunidade de aprendizagem.

O Fórum contou com uma média de cerca de 70 mensagens por mês, das quais foram analisadas cerca de metade. Relativamente aos participantes estes foram em número de 57: 44 ex-alunos da ESE de 1999-2003; 7 são ou já foram professores da ESE; 2 eram ainda alunos da ESE; 2 professores principiantes sem ligação à ESE de Setúbal e 2 intervenções anónimas. São curiosos os dados relativos ao maior número de participações pois estas são de três professoras principiantes que fazem parte da equipa da página e que assumiram por sua própria iniciativa a dinamização e a interacção no FÓRUM. Quanto à participação dos docentes da ESE esta foi assumida regularmente por três docentes, sendo a participação dos restantes docentes mais esporádica.

Apresentaremos de seguida a análise de conteúdos que efectuámos sobre as mensagens deixadas no FÓRUM, seguida de alguns exemplos. As categorias emergentes são apresentadas de forma hierarquizada de maior para a menor frequência com que surgem. Assim, em primeiro lugar surgiram três temáticas em igualdade de circunstâncias:

- (a) colocações e concursos: *«Caros colegas, Tal qual como muitos de vocês, também fui excluído. Apanhei um grande susto. Rapidamente me apercebi que o mal era geral e consegui manter a calma. Neste momento já todos nos apercebemos que alguém, entenda-se muita gente, meteu a pata na poça. Tentemos, como outros colegas já alertaram, analisar os nossos verbetes e, a partir do que lá está escrito, fazer as reclamações. É sabido que a próxima lista a sair, ainda este mês, é igualmente*

¹ Os FÓRUNS desta página são abertos (públicos) e são desenvolvidos em ASP (Active Server Pages), guardando as mensagens em bases de dados ACCESS. Estas estão alojadas num servidor da ESE e por isso é possível analisar os dados de toda a informação armazenada desde o início do projecto.

provisória. Esperemos que, desta vez, todos os enganos e erros venham corrigidos. Por fim, e esta é a verdadeira razão desta minha mensagem, resta-me realçar a importância que para muitos de nós teve esta página, na medida em que, mais uma vez, sentimos que não estamos sós. Esse é também um dos objectivos do encontro dos dias 14 e 15. Conto ver-vos por lá, a todos. Passem a mensagem.» (HC, 2004/05/06);

- (b) as iniciativas da Página ou associadas: *«Gostaríamos de saber como nos inscrevemos para o encontro, uma vez que não temos todas as informações e não conseguimos aceder através da página. Como não queremos faltar contem connosco na mesma com ou sem inscrição...um beijo a todos» CS e CF (2004/05/03);*
- (c) e saudações, incentivos ou agradecimentos: *«Parabéns: pela ideia, pela ousadia, pela coragem, de tentarem criar uma comunidade real de partilha. Não fui aluna da vossa ese nem pertença ao 1º ciclo, mas (existe sempre um mas) fui aluna com muito orgulho de uma ese (de lisboa) e fui aluna da variante matemática/ciências. Por isso defendo a reunião e união, bem como partilha de todos nós, visto que só assim poderemos apoiarmo-nos e melhora a nossa escola. (os ex-alunos de matemática/ciências da eselx estão neste momento a tentar fazer o mesmo que vocês, quando isso acontecer darei notícias).» AG (2004/04/24); «Muitos parabéns às nossas colegas que foram finalmente colocadas na 5ªfeira. Sei perfeitamente o que custa suportar a ansiedade durante tantos meses. Força! Muitos beijinhos!» CM (2004/04/24).*

Em segundo lugar surgiram:

- (d) as experiências pessoais: *«(...) ...Ontem foi a Exposição da RP na Casa do Bocage, em Setúbal - um exemplo de como um grupo de teatro de uma Escola Secundária em contacto com antigos alunos (o caso da Rita!) pode fazer um trabalho artístico muito promissor! Parabéns a todos: aos actores pela sua jovialidade, esforço e empenho, aos autores pela sua criatividade e por nos fazerem regressar aos sonhos (havia por lá um «caçador de sonhos!»), às professoras (que investem parte do seu tempo no apoio e trabalho com estes jovens! - merecem um agradecimento especial!) e a quem mostra acreditar nestes jovens disponibilizando o espaço...Valeu (e continua a valer!) a pena - percebe-se que a alma é tudo menos pequena! ;-)...o Concerto do Sérgio Godinho - tanta gente nova! ... que recordações! ... que convidados! ...como os ritmos a que ele nos habituou nos fazem dançar! ...» MB (2004/02/29).*

O terceiro lugar foi ocupado pelas,

- (e) sugestões, comentários ou indicações de funcionamento sobre a página: *«Então amanhã é dia de conversa virtual? O tema é Avaliação! Vejam lá se aparecem! Beijo! Eu vou de manha ao encontro... ainda n sei se fico para o pic-nic e para o almoço» MV (2004/02/02).*

As comemorações ou acontecimentos apareceram na quarta posição:

(f) *«Ainda vou a tempo (23h45m) de lembrar esta data!!! Vila das Aves... Escola da Ponte... Que saudades. Que vontade de voltar... Que vontade de aprender... Enfim, já passou um ano sobre um acontecimento que foi realmente importante para a minha formação!»* EB (2004/01/29)

Em quinto lugar encontravam-se os pedidos de apoio (g).

Em sexto

(h) as experiências profissionais: *«Olá a todos!Tenho lido algumas coisas aqui pela página sobre os alunos de etnia cigana e sobre a aceitação destes na escola, falo das experiências da Madalena. Sendo assim, não posso deixar passar esta oportunidade sem contar um pouco da minha experiência com alunos ciganos, espero que ajude...Como sabem estou como professora de uma turma de 3º/4º ano na Moita desde o final do 1º período. Entretanto, a minha turma "cresceu", em Janeiro, com a vinda de dois alunos de etnia cigana. Fui informada previamente para esta situação e disseram-me que se tratava de alunos nómadas, que frequentam a escola em dois locais, sendo este facto uma das causas para o insucesso escolar nestas crianças. Com esta notícia achei importante conversar com os meus alunos sobre as diferenças culturais com o objectivo de evitar comentários menos positivos (que já se faziam ouvir) para que os novos alunos sentissem que eram bem vindos. Passei-lhes a seguinte mensagem: "Eu quando cheguei à turma vocês aceitaram-me para ser a vossa professora, não foi? E aceitavam-me se eu fosse de outra cor/cultura porque o que importa não são as nossas diferenças étnicas/culturais mas sim o tamanho do nosso coração e eu tenho a certeza que ele é suficientemente grande para receber estes novos amigos. Somos todos diferentes e temos que saber aceitar as diferenças nas outras pessoas. Assim somos mais felizes!" Em relação aos pais, eu sei que não é fácil explicar isto a pessoas que estão cheias de estereótipos e preconceitos em relação a estes casos. Mas acreditem que as crianças podem perceber isto muito bem se NÓS PROFESSORES dermos o exemplo: ACEITAR – é talvez a palavra chave, a atitude correcta e humana. A mim revolta-me esta profunda ignorância nas pessoas. Mas porque raio os ciganos não podem ir à escola? Vai prejudicar os outros meninos em quê, concretamente? Trata-se de crianças e as crianças não escolhem o sítio onde querem nascer... Estes miúdos (assim como outros) têm experiências de vida que são de valorizar. Aprendemos uns com os outros... Estou a recordar uma situação, a título de exemplo, que aconteceu à pouco tempo em que eu perguntava: o que é uma oliveira? Quase todos olharam para mim com os olhos "esbugalhados"... Já tinham ouvido este nome, de certo, sabiam também que se tratava de uma árvore, mas que fruto dava? A Anabela e o João (alunos de etnia cigana) surpreenderam os colegas quando disseram que era a azeitona... e são tantos os seus conhecimentos para partilhar com a turma. Eu não sei até que ponto estou a conseguir ajudar estas crianças a fazerem aquisições escolares: não sei se*

amanhã o João ainda se recorda das contas de menos nem sequer se a Anabela vai esquecer os nomes dos planetas do Sistema solar, mas uma coisa eu tenho a certeza: a boa relação que consegui estabelecer entre colegas, através de todo um trabalho de entre-ajuda tem apresentado resultados e dá-me gosto ouvir tocar para o intervalo e ver a minha pequenina turma unida a brincar... e essa é a minha grande vitória... a força para eu continuar. Porque será que os pais não dão valor a estas coisas? Deixo-vos esta questão para reflectirem. Um beijinho grande» ACR (2004/03/26)

Por fim, em sétimo lugar,

- (j) questões relativas a política educativa: *«Programa de Qualificação do 1º C.E.B. – lançado pelo P.M. na abertura do ano lectivo de 2003. Vale a pena ler – tem 9 páginas, mas a letra é grande e espaçada: http://www.min-edu.pt/Scripts/ASP/destaque_det.asp?newsID=207. Tem os seguintes objectivos: (...) equipar todas as salas de aula do 1º CEB com um computador com ligação à Internet e uma boa impressora – mas afinal depois parece que as escolas têm que concorrer, porque não poderão ser exactamente todas...; constituir uma equipa que clarifique muito bem o que cada aluno deve saber em cada área disciplinar no final de cada ano de escolaridade...; - implementar um programa de formação contínua de professores na área das TIC. Quanto ao mais, «no comments»!! Leiam com atenção!» MB (2003/09/21).*

Pelas categorias que surgiram de forma emergente e pelos exemplos aqui apresentados, podemos afirmar que neste FÓRUM pode ser encontrada uma verdadeira comunidade social com todo o tipo de interacções e dinâmicas características dos espaços sociais, independentemente de estes se situarem ou não no espaço virtual.

Outra secção que no final do primeiro ano nos mereceu alguma atenção foi a secção das experiências. Foram relatadas dezasseis experiências por cerca de sete professores. Destas nove incidiam sobre o trabalho na Escola, seis eram experiências pessoais ou profissionais de outro âmbito e uma era o relato de um projecto. Como se poderá perceber eram aqui consideradas não apenas experiências docentes em sala de aula, mas também outras vivências que os seus autores quiseram partilhar e que se consideravam poder ser interessantes para os restantes participantes nesta comunidade.

Debruçando-nos mais pormenorizadamente sobre uma experiência relatada que diz respeito a um comportamento menos adequado de uma aluna em sala de aula e à intervenção pedagógica da professora. Esse relato tem como título «Já em Novembro»:

«Quinta feira dia 29 de Outubro, logo que iniciei a aula e comecei a conversar com toda a turma, ela começou a ir de mesa em mesa dizendo frases destrutivas para todos os colegas e abanando-os para se enganarem e não conseguirem escrever. Ao ver esta situação, lembrei-me que era o dia de Educação Física e como ela detesta sair da sala quando eu estou a dar aula, não disse nada e dirigi-me ao gabinete da directora apenas com o intuito de saber se haveria a aula de Educação Física ou não, pois o tempo estava um pouco incerto. Ela pensou que eu ia fazer queixa dela e nesse preciso momento começou a chorar e a gritar. [...] era impossível continuar com o choro e com os gritos que se ouviam no colégio inteiro».

Era necessário tomar uma medida e a medida possível foi:

«[...] me tinha comprometido em levá-la à Educadora assim que ela comesse, para ela sentir que eu cumpria o que dizia, levei mesmo, mas sinceramente nunca pensei que se iriam suceder os acontecimentos seguintes. A Educadora pegou nela e levou-a para uma das salas do Jardim de Infância, [...]».

Para a professora principiante a situação estava longe de ser a desejável pelo que a sua capacidade de reflexão e de intervenção não a deixaram ficar de braços cruzados:

«[...] eu estava desejando que ela voltasse, pois não concordava com aquela situação».

Esta professora procurou mesmo outra forma de resolver esta complicada situação:

«Passado pouco tempo ela voltou e eu conversei com ela mostrando a minha sinceridade e o meu desagrado perante toda a situação, disse-lhe que não concordava com o que tinha sido feito, pois ela não é nenhuma bebé [...] e que precisava de compreender que aquele sofrimento lhe estava a fazer mal [...]».

Este diálogo é bem revelador da sinceridade e da emoção colocada por ambas nesta situação e na relação entre ambas:

«[...] “pois é professora, quando estou assim, fico aqui com uma dor” (pondo a mão no peito e na garganta) e eu disse-lhe: “e já imaginaste como é a dor da professora?”. Ela apontou para a minha cabeça. Logo de seguida, eu peguei na mão dela e respondi-lhe que não era só na cabeça, mas também no coração: “Eu gosto tanto de ti que também me dói o coração por te ver assim, mas a partir de hoje, tanto a tua dor como a minha vão passar, sabes porquê? (ela acenou que não), porque vais ficar sentada aqui perto de mim e quando começares a sentir que vais fazer birra dizes-me ‘professora preciso de ir à casa de banho’ - vais à casa de banho, molhas a cara, contas até 10 e só voltas quando estiveres mais calma”».

A professora principiante no seu relato volta a assumir uma atitude reflexiva sobre o sucedido e sobre a sua intervenção:

«A partir dessa conversa nunca mais cantou, nunca mais chorou e até me ajuda, vai mais vezes à casa de banho, mas não me importo, pois o seu sofrimento diminuiu em grande escala. Agora só me resta perguntar: será que consegui? Por esta semana sei que sim. Diz-se que “Sucesso é conseguir o que se quer; felicidade é gostar do que se consegue.” (Lawrence J. Peter), por isso hoje sinto-me feliz».

4. Finalizando

Face a todos os desafios com que hoje os professores se confrontam, mormente no início da sua carreira, esta página WWW certamente que para muitos dos que nela participaram cumpriu a sua missão. Sem ela estes os professores principiantes estariam certamente mais isolados e sentir-se-iam mais sozinhos. Estes docentes referem frequentemente como para eles(as) o facto de manterem uma relação com a sua Escola de formação inicial, na qual passaram momentos tão significativos das suas vidas, é tão importante: é como reavivar e não querer esquecer tudo o que de tão relevante e formador ali aprenderam.

É no cruzamento e na interacção das diversas dimensões e perspectivas sobre o desenvolvimento profissional ao longo da vida que se situa este projecto, partindo sobretudo dos problemas, questões e necessidades equacionados pelos professores principiantes que utilizam como meios de comunicação a distância as possibilidades oferecidas pela Internet, tirando partido

das suas potencialidades interactivas, nomeadamente através do FÓRUM. Trata-se de um tipo de formação que poderemos situar entre a aprendizagem informal e a aprendizagem formal, estruturada, onde identificamos as dimensões da aprendizagem situada acima referida: o significado (através da manutenção da relação com a E.S.E. assumindo os anos da formação inicial como momentos significativos e marcantes que é necessário continuar a recordar), a identidade (através da filiação à escola de formação inicial, da entrada na profissão, pelo que a colocação e os concursos assumiram uma tão grande pertinência), a prática (de contar, reflectir escrevendo sobre episódios da actividade profissional; o manter uma relação entre os diversos membros do grupo através das saudações e dos incentivos na espera da colocação) e a comunidade (a quantidade de participantes na página medida através das mensagens deixadas no FÓRUM).

São formas de estar e de falar sobre a profissão que se cruzam com os dilemas dos professores apresentados por Nóvoa (2002) e acima mencionados,

No final do primeiro ano deste projecto identificámos alguns problemas tais como a dificuldade em manter uma equipa de trabalho comprometida e estável, o que se reflectiu em algumas secções da página menos dinâmicas, numa discussão reduzida das experiências apresentadas, assim como na dificuldade em avaliar contributos profissionais.

No entanto também identificamos como aspectos positivos a capacidade de associar iniciativas presenciais (numa média de uma por trimestre), o facto de terem surgido novas dinâmicas como por exemplo, o IRC, e o grande investimento realizado no apoio pessoal e profissional.

Embora não tenhamos ainda dados analisados de forma tão detalhada sobre este segundo ano do projecto podemos assegurar que a equipa de trabalho na página se tem mantido mais estável e que se alargou a professores principiantes do ano subsequente (2000-2004). A média mensal das participações no FÓRUM é até ligeiramente maior do que no ano anterior. Foi também criado um FÓRUM temático, em que as intervenções se devem cingir aos temas propostos pelos dinamizadores, isto é, dois professores principiantes. Até ao momento foram propostos os seguintes temas: o Natal, a relação Escola-Família e os Projectos Curriculares de Turma.

Aqui, nesta página e neste projecto a voz, a experiência, a reflexão, os problemas e as iniciativas dos professores principiantes têm o seu lugar. Pensamos tratar-se de um lugar de expressão de futuros «Exploradores de excepção». Este é pois certamente um lugar de desenvolvimento profissional e de formação ao longo da vida. A nossa participação cívica passa certamente pela nossa integração numa comunidade «solidária», ou melhor, uma comunidade de aprendizagem em permanente construção como esta que acabamos de descrever.

Referências bibliográficas

- ALONSO, M. L. (1998). *Inovação Curricular, Formação de Professores e Melhoria da Escola. Uma abordagem reflexiva e reconstrutiva sobre a prática da Inovação/Formação*. Dissertação de Doutoramento em Estudos da Criança, na área de conhecimento de Currículo e Tecnologias da Educação Básica, apresentada à Universidade do Minho
- ALVES, F. C. (2001). *O encontro com a realidade – Ser professor principiante*. Lisboa: I.I.E.
- BENAVENTE, A. (1990). *Escola, Professores e Processos de Mudança*. Lisboa: Livros Horizonte
- FONTOURA, M. (1992). Fico ou vou-me embora?. In Nóvoa, A., *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora

- FORMOSINHO, J. (1998). *O Ensino Primário – De ciclo único a ciclo intermédio da educação básica*. Lisboa: Programa Educação para Todos - M.E.
- GONÇALVES, J. A. (1992). A Carreira das Professoras do Ensino Primário. In Nóvoa, A., *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora
- HUBERMAN, M. (1987). *Le cycle de vie professionnelle des enseignants secondaires*. Genève: F.P.E.S.E./Université de Genève
- HUBERMAN, M. (1992). O Ciclo de Vida Profissional dos Professores. In Nóvoa, A. (Org.), *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora
- LAVE, J. & WENGER, E. (1991). *Situated Learning. Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press
- MOITA, M. C. (1992). Percurso de Formação e de Trans-Formação. In Nóvoa, A., *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora
- NOVOA, A. (2002). Os professores e o novo Espaço Público da Educação. *Espaços de Educação, Tempos de Formação* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian), pp. 237-263
- NÓVOA, A. (1991). Concepções e Práticas da Formação Contínua de Professores. In U. Aveiro, *Formação Contínua de Professores – Realidades e Perspectivas*. Aveiro: Universidade de Aveiro
- NÓVOA, A. (1988). A Formação tem que passar por Aqui: As Histórias de Vida no Projecto Prosalus. In Nóvoa, A., Finger, M., (Org.), *O Método (Auto)biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde – Dep. De Recursos Humanos da Saúde
- PINEAU, G. (1988). A Auto-Formação no Descurso da Vida: Entre a Hetero e a Ecoformação. In Nóvoa, A., Finger, M. (orgs.), *O Método (Auto)biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde – Dep. De Recursos Humanos da Saúde
- SARMENTO, M. (1998). Escola Primária: Sedimentação Normativa e Mudança Organizacional. In *Inovação*, 11, pp. 33 – 52
- TAVARES, M. (1991). *O sentido das Práticas na Formação de Professores...* Tese de Mestrado apresentada no Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
- WENGER, E. (1998). *Communities of Practice. Learning, Meaning and Identity*. Cambridge, New York: Cambridge University Press.